



HISTORIA E AVENTURAS D'UM PORCO DA EDADE MEDIA

(Conclusão)

Apesar do trambulhão, os tres homens de guerra não se deram por vencidos. Desconfiando das proprias forças, foram buscar reforço, e, cheios de novo animo, eil-os ahi partem em perseguição do atrevido Chiqueirino.

— Pára, feroz animal! — gritavam elles. — Rende-te, porco maldito!...

Qual pára nem qual rende-te! Chiqueirino continua fugindo. Mas, afinal, o misero porco, lastimando não ter a ligeireza d'um pardal, é alcançado pelos ferozes perseguidores, um dos quaes o fila valentemente pelo rabo! O desgraçado Chiqueirino quer escapar-se, forceja, debate-se; mas o homem tem bom pulso e não larga a presa.

Entretanto, os outros bravos militares começam a vibrar lançadas ao misero porco que, não podendo resistir por mais tempo, cahe por terra, guinchando como um damnado. Os grunhidos vão diminuindo, ao passo que as lançadas augmentam, até que, despedindo-se d'este mundo, solta o derradeiro guincho.

Agora começa a terrivel vingança dos ferozes homens de guerra. Não se contentaram em derrotar o inimigo: levaram os seus instinctos canibaeos ao ponto de quererem comel-o!

Fizeram uma fogueira, e n'ella trataram de assar o malaventurado porco. E que prazer denunciavam os algozes ao procederem ao sacrificio! Nem um sequer se lembrou de exaltar as virtudes, os dotes moraes do morto; em compensação, todos á porfia elogiavam francamente, com entusiasmo, o gordo toicinho do sacrificado, a tenra carne, a saborosa orelheira, os futuros chouriços, o pernil seductor!

Assado e esquarterado o misero porco, a cabeça do dito foi conduzida em triumpho, e começou o banquete com grande alegria, com estrepitosa algazarra, e com insaciaveis libações.

Aquelles impederidos corações trincaram no inimigo sem demonstrarem o minimo remorso!

Ah! pobre Chiqueirino! bem caro pagaste as tuas imprudencias, a tua vaidade, o teu arregaño de pimpão!

A oração funebre que te dedicaram os teus ferozes inimigos, foi brindarem, por zombaria, á tua saude... depois de morto!

Ah! pobre Chiqueirino!

FIM



QUADROS DE HISTORIA NACIONAL

A LEALDADE DE EGAS MONIZ

Morrera D. Henrique, e ficara a sua viuva governando este altovo condado occidental, e devemos dizer que o soube governar com energia, e encaminhal-o no sentido da cubicada independencia. As filhas de Affonso vi eram umas senhoras desembaraçadas, que não cuidavam muito da roca nem do livro de orações, mas que se atiravam com toda a desenvoltura a essas luctas brutaes da meia-idade. Urraca, a viuva do conde Raymundo, andou sempre em pejeas ou com o marido, rei de Aragão, ou com os fidalgos da sua Galliza, ou com a irmã, que era exactamente do mesmo calibre. Uma e outra, porém, não eram, devemos confessional-o, o modelo das damas recatadas. De Urraca muitas historias se contam pouco edificantes. Thereza tambem não quiz permanecer muito tempo na solidão da viuvez, e escolheu para companheiro um gentil conde gallego, Fernão Peres de Trava, que dentro em pouco era quem dava as leis em Portugal. Pouco importaria o caso á ciosa fidalguia portugueza, se não fosse, como já então elles diziam, *estranheiro* o valido; mas, desde que o conde D. Henrique os agreiriara, já não queriam que viessem para cá d'além-Minho dominadores e senhores. Por isso, apenas Affonso Henriques entrou na adolescencia, quizeram logo que elle os governasse, e o joven principe, precocemente desenvolvido, não hesitou em capitanear a revolta. Em S. Mamede se travou batalha entre os seguidores do infante e os partidarios do conde gallego, e coube a victoria aos nossos. É inexacto que Affonso Henriques prendesse a mãe em Lanhoso, mas é certo que elle, ou antes os que o rodeiaram, a obrigaram a sair de Portugal.

Entretanto, o filho de Urraca, e primo de Affonso Henriques, já então rei de Leão e Castella, com o nome de Affonso vii, importando-se pouquissimo com as contendas que iam em Portugal, e que afinal de contas eram a fiel imagem das que por lá tiveram, o que não queria simplesmente era que Affonso Henriques deixasse de se reconhecer seu vassallo, como o pae o fora de seu avô, e os partidarios do moço infante levantavam exactamente o grito de independencia. Por isso entrou em Portugal com forças numerosas e cercou em Guimarães Affonso Henriques. Não estava em condições de resistir o novo chefe do condado portuguez, que luctava ainda com a guerra civil, e que tinha contra si um partido mais ou menos numeroso. Era inevitavel a capitulação, quando o velho Egas Moniz, aio do principe e por assim dizer seu tutor, partiu para o acampamento do rei leonez, e lhe assegurou que o seu pupillo se reconhecia vassallo do rei de Leão. Tinha este que acudir ao seu reino, onde lavravam discordias, contentou-se com a promessa e partiu.

Desaffogado da oppressão, Affonso Henriques declarou terminantemente que se não considerava obrigado por semelhante promessa. Não era de estranhar o caso n'essa Europa semi-selvagem da idade media, em que a mentira e a fraude eram consideradas estratagemas legitimos; mas Egas Moniz é que se sentia dilacerado por dois sentimentos oppostos — o patriotismo, que lhe dizia que Affonso Henriques procedia bem negando-se a reconhecer-se vassallo; o pundonor, que lhe dizia que ficaria deshonrado se faltasse á sua palavra.

Como conciliar estes dois sentimentos oppostos? A decisão foi heroica e digna. Egas Moniz, segundo a bella phrase de Camões

Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

E, sem dizer coisa alguma ao seu pupillo, parte para Leão com a mulher e os filhos. Apenas alli chegam, Egas Moniz e a sua familia, vestidos com as longas opas dos padecentes, com a corda cingida ao pescoço, como era de uso em quem fazia penitencia publica, dirige-se ao palacio de Affonso vii, e diz-lhe que elle alli está para resgatar com a propria vida e com a vida dos seus a palavra que empenhara. Nada mais pode fazer, mas não quer.

Surprehendido e commovido por essa estranha prova de brio e de pundonor, Affonso vii perdoa ao nobre fidalgo, e manda-lhe que volte para a sua patria, que deve ufanar-se de contar entre seus filhos tão limpo espelho de lealdade.

E devemos dizer que era esse exemplo tanto mais notavel, quanto era perfeitamente inesperado. Affonso vii de Leão nunca suppozera que Affonso Henriques cumprisse a palavra dada, e, se levantara o cerco de Guimarães, fora simplesmente porque a sua presenca estava sendo necessaria no seu proprio reino; mas a nobre resolução de Egas Moniz, cuja authenticidade demonstram incontestavelmente as toscas esculturas do seu tumulo, que datam do seculo xii e em que a scena celebre está representada, foi como que uma benção da Providencia lançada sobre o berço d'esta nação. As muralhas d'esta nova Roma que se erguia no Occidente, foram cimentadas com o valor e a lealdade. Foi isso talvez o que as tornou eternas.

A HISTORIA DO TIO JOAQUIM

— Vá, tio Joaquim, conte-nos uma historia!

Isto diziam tres rapazitos de 10, 8 e 7 annos, a um bom velho que, n'um serão de familia, se entretinha fazendo rir as raparigas do logar. Elle ficou calado e pensativo; mais afinal, virando-se para a mãe dos pequenos, disse, assoando-se convenientemente:

— Que historia lhes hei de eu contar?

A mulher, que estava fiando linho, respondeu:

— Uma qualquer, homem!

Os rapazes continuavam em côro:

— Então? então?...

O velho, depois de meditar, levantou a cabeça e disse:

— Vá lá; cheguem-se para aqui!

Os pequenos obedeceram logo e sentaram-se.

O tio Joaquim começou:

— Vou contar-lhes uma historia; mas se a quererem perceber, hão de estar attentos. Era uma vez um rei muito rico, como todos os reis, que tinha dois filhos e uma filha. Esta era muito bonita, muito bonita e muito boa, tanto que na côrte lhe chamavam a perola das mulheres. Houve depois um principe que a viu e tanto lhe agradou a princeza, que a foi pedir ao rei em casamento.

O rei negou-l'h'a e elle então roubou-a ao pae. Os irmãos, mal o souberam, quizeram logo salvar a irmã. Mandaram sellar os cavallos e partiram a toda a brida atraz do tal principe. Mas correram montes e valles sem vêrem nada. Foram ao palacio d'esse tal outro principe a vêr se tinha já lá chegado; porém, de nada isto serviu porque, ao chegarem lá, viram as portas e as janellas todas fechadas. Perguntaram por alli o que fôra feito do dono d'aquelle palacio, e disseram-lhe que tinha fugido dias antes com uma princeza d'alli perto, formosa como uma estrella. Ora imaginem vossós como ficaram os irmãos!

— Se fosse commigo!... — interrompeu o mais velho dos tres pequenos.

— Cala-te! que havias de fazer? — observou o segundo.

O mais novo, que estava mais attento e mais interessado, berrou zangado:

— Calem-se! Não deixam ouvir!

— Fulos e raivosos como duas serpentes, os filhos do rei montaram outra vez a cavallo, e continuaram a procurar a sua desditosa irmã. Correram muitas terras, onde eram recebidos pelos reis, a quem perguntavam noticias e informações.

Mas nada lhe sabiam dizer. Os gentis cavalleiros estavam já desesperançados e quasi a morrerem com pena da sua linda e infeliz irmã.

A côrte do pae vestiu-se de luto e os sinos dobraram como se a gentil princeza tivesse morrido.

Os irmãos andaram por lá longo tempo, sem resultado, até que regressaram ao palacio, mortos de desgosto e de fadiga. Viveram quasi um anno

sem terem vontade de nada, n'uma tristeza mortal. Adoeceu um d'elles, que esteve ás portas da morte; até que, passado algum tempo, melhorou e o medico do palacio deu-lhe de remedio o divertit-se.

O pae, que os estimava muito, tratou de preparar uma caçada, em que os principes tambem entrassem. No dia combinado partiram to dos. Andavam caçando havia dois dias, quando viram uma pomba muito branca e muito bonita. A pombinha, em vez de fugir, approximava-se mais e mais. Então um dos principes desfechou a frecha contra ella e feriu-a n'uma aza.

A pomba, já se sabe, cahiu.

— Pudéra! — interrompeu o rapazinho de 8 annos.

— Foi como aquelle pardal, José, que eu tombei com uma pedra da funda! disse o mais velho, cheio d'enthusiasmo.

— Não foste tu que lhe acertaste, — tornou o segundo.

— Fui eu, sim; tu atiraste quando a mim, mas eu fui que lhe acertei! declarava o outro, já encolerisado.

— Vá, calem-se! ordenou o tio — se querem que eu continue.

— Sim, sim! gritaram os rapazes.

— O principe — continuou o tio Joaquim — correu a levantar a pomba, para a trazer ao pae; mas, ao pegar n'ella, reparou que tinha no pescoço uma penna atravessada. Estranhou e disse ao pae que tirasse d'alli aquella penna, que por força havia de magoar a pombinha. O rei tirou a penna; mas qual não foi o espanto de todos, ao verem a pomba transformar-se n'uma formosa menina, que não era outra senão a filha do rei!... Não caçaram mais, e voltaram a palacio, alegres e contentes.

Pediram á princeza que lhes contasse o que lhe tinha succedido e como se transformara em pomba. Ella contou que o principe, depois de a pôr em cima d'um cavallo, fugira em veloz corrida. Passado um dia, chegaram a um palacio retirado, onde elle vivia. Deu-lhe para aia uma criada preta que, vendo-a um dia a chorar, lhe perguntou o que tinha.

— Saudades da minha terra, de meu pae e de meus irmãos! lhe disse a princeza.

Então a preta pegou n'uma penna e disse-lhe:

— Quer a senhora fugir?!

— Não posso, respondeu chorando a princeza.

— Póde sim, lhe tornou a preta, e vae fugir!

E, dizendo isto, cravou-lhe no pescoço a penna e, desde esse momento, ficou pomba como a encontraram.

— Mas a preta era boa! — disse com ternura João, o mais novo.

— Pois se ella era fada! — observou o mais velho, — olha o milagre!

— E depois, tio? — perguntou o primeiro com interesse.

— Depois, continuou o tio, houve no palacio grandes festas e toda a cidade ficou alegre; os sinos repicaram; as casas puzeram luminarias e tudo depois ficou contente.

Ora, digam-me cá, se tomaram sentido no que lhes contei, porque foi que todos festejaram a chegada da princeza?

— Por ella ser bonita, — disse o mais velho.

— Não — replicou o outro, por ser filha do rei!

— Mau, que vossês então não perceberam, disse o velho, vamos a ver a tua opinião — acrescentou, virando-se para o João.

— A mim parece-me — aventuroo o pequenito, que foi por ella ser muito boa para todos.

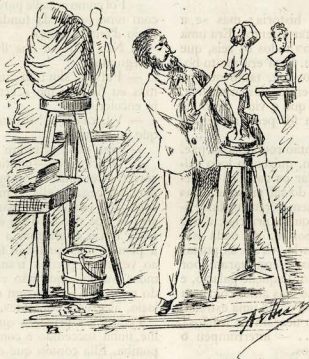
— Ora dá cá um abraço, que foste o unico que percebeste! — disse o ancião, apertando o pequenito nos braços.

Vejam, meus leitoresinhos, quanto é bom ser socegado! João que, emquanto os irmãos disputavam entre si quem tinha ferido o pardal e faziam outras muitas observações, estava attento no que lhe contava o tio, e acertou com a moralidade do conto; por isso gosa agora, em extremo, da amizade do tio Joaquim e de toda a familia.

A. MEYRELLES DE LEMOS.

DIALOGOS INSTRUCTIVOS

O BARRO



— Ai! meu Deus! — exclamou aterrada a encantadora Emilinha.

Que dera motivo áquelle grito de afflicção? Andando a sacudir o pó do gabinete de trabalho de seu pae, a pobre Emilinha acabava de quebrar um dos pratos que estavam presos ás paredes. Ora, como a pequenita sabia o grande apreço que o seu papá ligava a todos os objectos antigos, ficou a tremer como varas verdes, olhando por entre as lagrimas os pedaços do prato espalhados pelo chão.

O mano Abel, que não estava longe, tratou de a consolar, dizendo-lhe:

— Não te afflijas, mana; eu conheço um bom homem, muito habilidoso, que concerta os objectos partidos. Vamos levar-lhe os bocados do prato, e verás que tudo fica como novo.

Os irmãosinhos apanharam os fragmentos do prato, e, depois de alcançada a licença da mamã,

dirigiram-se á loja do tio Antonio, o artista habilidoso.

O tio Antonio, além de concertar loiça, fazia tambem o seu negociosinho com objectos antigos. A loja parecia um museu. Via-se por todos os lados: quadros, mosaicos, loiça pintada, estatuetas, jarras, em summa, uma infinidade de objectos de arte.

Quando os dois irmãos expozeram o seu pedido, o tio Antonio disse-lhes:

— Socegum, meus meninos, arranjarei o prato de modo que não se conheça o desastre. Sentem-se um bocadinho; d'aqui a meia hora estard o trabalho prompto.

O bom do velho metteu mãos á obra com muito interesse.

Emquanto elle trabalhava, Abel e Emilia entretrinham-se a examinar os diferentes objectos da loja.

— Que coisas tão bonitas que ha por aqui — disse Abel á sua irmãsinha.

— Pois tudo isso que vêem não passa de terra cosida — esclareceu o tio Antonio.

— O que! então estas estatuetas, estas figuras, estas jarras, estes vasos de côres tão bonitas, são de terra?...

— Nem mais nem menos.

— Mas não é da terra vulgar?

— Não. É uma terra muito compacta, na qual as plantas não podem viver. Chama-se-lhe barro, ou argila, conforme. Este barro é branco ou de côr, segundo a natureza das materias a que anda ligado. Ha barro mais fino e mais grosso, e emprega-se conforme a qualidade e a côr. O barro ordinario serve para fabricar telhas, tijolos, manilhas para os canos, etc.

— E como se fazem esses objectos?

— Anticamente, eram feitos á mão, como os alguidares, as bilhas, os tachos, etc.; mas hoje, graças á invenção de machinas

apropriadas, fazem-se mechanicamente. Depois do barro estar convenientemente amassado, com-



... põe-se a enxugar, e, depois de secco, mette-se n'um forno...



...esses objectos de uso caseiro fazem-se com o auxilio de um instrumento chamado torno de oleiro.

prime-se n'uns moldes de ferro, e sahe transformado em telha ou tijolo. Em seguida põe-se a enxugar, e depois de secco, mette-se n'um forno, para coser, sahindo de lá quasi tão duro como a pedra.

— E as bilhas e os alguidares fazem-se do mesmo modo?

— Não, meus meninos; esses objectos de uso caseiro fazem-se com o auxilio de um instrumento especial, chamado torno de oleiro. É uma peça redonda, collocada horizontalmente, que se move com o auxilio do pé. O operario põe o barro amassado sobre aquella roda, e sómente com a ajuda dos dedos e com o pé, que faz girar o instrumento, fabrica tachos, bilhas, potes, vasos, em summa todos os objectos da mesma natureza que tem a forma redonda. É um trabalho muito interessante. Vê-se o barro estender-se, encolher-se, dobrar-se, arquear-se, segundo a vontade do operario, que tem sempre as mãos molhadas. para que o barro se conserve brando e não se lhe pegue ás mãos.

(Continua.)

O CARVALHO E A CANNA

Teu ser bem pouco á natureza deve,
Disse o carvalho á canna;
O passaro logo leve,
Se pousa sobre ti, loje te abana.
Um ligeiro soprar
Que a face encrespa do regato, apenas,
Faz-te logo vergar
E obriga-te a soffrer bem duras penas;
Em quanto eu ergo a fronte com vaidade,
Do sol detenho o raio
E affronto a tempestade.
Todo o vento é-me um zephiro de maio,
Para ti todo o vento é vendaval.
Se da minha ramada
Nascesses abrigada
Não soffrerias um tamanho mal.
O fado foi comigo muito injusto!

— A tua compaixão,
Lhe respondeu o arbusto,
Abona o teu sensível coração;
Mas tanto não te mates
Chorando as minhas penas:
Melhor que tu do vento soffro embates
Não quebro, dobro apenas.
Tens-te aguentado bem,
Tens resistido a rigidas mortadas...
Porém atrás do tempo, tempo vem.

Taes vozes acabadas,
Bóreas em seus furores se despica;
A pobre canna dobra,
Firme o carvalho fica.

Activa Bóreas a feroz manobra,
Faz tão cruenta guerra,
Que deita, emfim, por terra
O que do céu a fronte approximava
E no abyssmo as raizes occultava.

O que diz que tudo escacha
E de forte se gloria,
Apanha ás vezes *tareia*
Que d'esta vida o despacha;
E chupa o mel quem se agacha
Para crestar a colmeia.

J. I. D'ARAÚJO.

O RAPAZ E O ÉCCO

O Gasparinho nunca tinha ouvido um écco, e por isso não sabia o que era.

Uma manhã, quando estava brincando no campo, bradou: «Olá!» e no mesmo instante ouviu da visinha floresta a mesma palavra: «Olá!»

Ficou muito surprehendido, e gritou: «Quem és tu?» A voz mysteriosa repetiu: «Quem és tu.» «És um rapaz mal creado!» *Rapaz mal creado* foi a unica resposta da floresta.

Ficou muito enraivecido o Gasparinho, e começou a proferir expressões violentas e insultantes, que foram todas fielmente repetidas pelo écco.

Final, dirigiu-se á floresta para punir aquelle que, segundo cuidava, o tinha estado a insultar. Mas as suas pesquisas foram vãs, não encontrou ninguem.

Voltou então para casa, vexado e triste, e foi queixar-se á mãe, de que um rapaz o tinha insultado, e contou-lhe o que succedera.

— Meu filho, accusa-te a ti mesmo, disse a mãe, visto que aquelle de quem te queixas, é

apenas o écco das tuas proprias palavras. Assim como vês muitas vezes a tua face reflectida n'um espelho; assim ouviste a tua voz repercutida pelo écco da floresta. Se tivesses dito palavras agradaveis, terias recebido em troca amabilidades.

Por isso, nas relações que temos com as pessoas que nos cercam, conforme tratarmos, assim seremos tratados. Se formos amaveis, da mesma maneira serão amaveis para com-nos; mas se fôrmos altivos e insolentes, não ha razão de esperar melhor tratamento de ninguem. Nas relações da vida lembra-te sempre do écco, meu filho.

(Trad. d'uma menina de 10 annos).

SCHMID.



ARTE MÁGICA

MUDAR A CÔR DAS ROSAS

Ernesto desejava offerecer uma rosa á sua manasinha, porque era o dia de seus annos. Mas o caso é que a Mariquinhas só apreciava as rosas brancas, e no jardim só havia rosas vermelhas. Que tazer?

O nosso Ernesto, muito desgostoso, expoz a sua magua ao papá.

O bondoso pae colheu uma rosa encarnada, foi buscar á cosinha um alguidar com brazas, levou-o para o pateo e deitou sobre o lume um pouco de enxofre em pó. Depois, conservou durante alguns instantes a rosa vermelha por sobre o vapor do enxofre. A rosa vae perdendo a sua linda côr purpurina, empallidece pouco a pouco, até que fica inteiramente branca.

Ernesto, saltando de alegria, vae offerecer á manasinha a rosa metamorphoseada.

A Mariquinhas admira a linda flor e mette-a n'um copo d'agua.

Outra methamorphose. A rosa retoma pouco a pouco as suas côres, tornando á primitiva.

Se o meu leitorinho se encontrar alguma vez na situação de Ernesto, já sabe como sahir-se do embaraço.

O PYRILAMPO E O SAPO

(FABULA)

O pyrilampo, n'uma noite bem escura, ás formigas prestava seu facho excellent; mas o sapo, que estava proximo, murmurava, e cobre de peçonha o bichinho innocente.

«Nada fiz p'ra que tu me queiras tanto mal, disse o verme expirando, e testemunha o céo.»
— Pois que! não 'spalhas tu a luz?... O animal, olhando-o com rancor, assim lhe respondeu.

Trad. NINGUEM.

JOGOS DE PRENDAS

OS OFFICIOS ADIVINHADOS

Designa-se uma das pessoas que jogam para ser o adivinho, e este retira-se para uma sala. Enquanto o adivinho está ausente, os mais adoptam o officio que bem lhes parece.

- Este pode ser — Barbeiro;
- Outro — Alfaiate;
- Outro — Pintor;
- Outro — Sapateiro;
- Outro — Carpinteiro, etc.

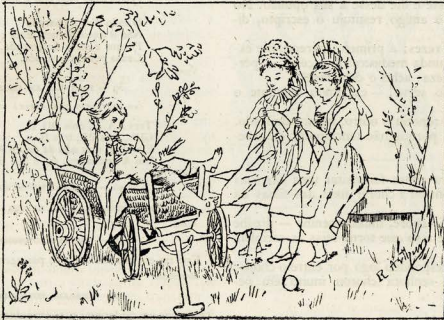
Logo que todos teem escolhido o seu respectivo officio, chama-se o adivinho, que vem assentar-se com toda a gravidade no centro do cir-

culo, e diz: *Senhores mestres, toca a trabalhar.* Immediatamente põem-se todos em acção de simular os gestos e voltas dos seus respectivos officios. O barbeiro finge barbear um freguez, assentar a navalha, etc. O alfaiate toma medidas, corta, cose, etc. O sapateiro bate a sola, ou cose; o carpinteiro serra, aplaina ou prega... finalmente, ninguem está quieto, trabalhando todos com afinco, segundo a sua profissão.

O adivinho observa-os, mas não se pronuncia sem estar bem convencido de que não erra, porque o menor engano lhe faria pagar prenda.

O logar de adivinho é substituído sempre por aquelle cujo officio foi adivinhado, e, que além d'isso paga prenda.

(Dos Recreios Collegiaes.)



VERSOS AO JULIO

UM MANDRIÃO

Ao vel-o assim tão quieto,
 N'esse *dolce far niente*,
 Molle, encostado, indolente,
 Nas almofadas do carro,
 Contemplando as duas manas
 Co' uma expressão amorosa,
 E a chuchar no pé da rosa,
 Como quem fuma um cigarro;

Quem o vir em tal socego,
 Não suppõe, não imagina,
 Que *fazenda papa-fina*
 Alli está tão marraqueira,
 Ninguem pensa nem por sombras
 Que elle ouse quebrar um prato,
 E afinal esse gaiato
 Deita a baixo a cantoneira!

Tem o demonio no corpo,
 Ninguem em casa o supporta,
 Co' os livros nunca se importa,
 Só quer saber da folia...
 Se se pilha no quintal
 Não ha quem lhe ponha peias,
 E por isso um par de meias
 Não chega a durar-lhe um dia!

Que o digam as pobres manas,
 Que desculpal-o procuram
 E as piugas lhe costumam
 Noite e dia sem descanso...
 Lá estão ellas, como sempre,
 N'essa eterna e dura vida
 Enquanto elle, á boa vida,
 Pensa com todo o ripanço:

— Como ellas cozem depressa
 As piugas que eu estrompo,
 P'ra as ver cozer quanto eu rompo
 De romper até faz gosto...
 Não tarda que eu experimente,
 Em pondo aquellas a provas,
 Se um par de piugas novas
 Me dura... até... ao sol posto...

.....
 Assim pensa quem se julga
 No bem estar sempre seguro,
 E da vida, do futuro,
 Só faz um juizo falso...
 — Pois vá despresando os livros,
 Rompa as meias, não se emende,
 E verá que se arrepende
 Quando um dia andar descalço...

D. MARIA DO Ó.

ALEGRIAS

Na diligencia das Caldas:

— Meu anjinho — pergunta o marido á mulher — estás bem no teu canto?

— Perfeitamente.

— Não sentes ahí frio?

— Não.

— A vidraça fecha bem?

— Fecha sim, obrigada.

— Então passa para o meu logar e deixa-me ir para ahí.

Não se pôde ser mais amavel!

Um prégador entregou um sermão a um amigo, para que o lesse e lhe desse a sua opinião. No dia seguinte, o amigo restituiu o escripto, dizendo:

— Li-o tres vezes; á primeira pareceu-me excellente; á segunda mediocre; á terceira... per-mitte a franqueza: achei-o detestavel.

— Ah! então serve! — exclamou contente o prégador.

— Serve! — repetiu o outro, muito admirado.

— De certo, porque não tenciono prégal-o se-não uma vez!

Uma senhora edosa foi visitar uma das suas amigas, e encontrou a chorar uma das filhas da casa.

— Então, não chore, minha menina — diz-lhe a senhora — é isso que torna feias as carinhas bonitas.

A creança respondeu logo por entre o choro:

— Então a senhora chorou muito em pe-quina?...

N'um exame:

— Que entende o menino por mar mediter-raneo?

— Mar mediterraneo, como o seu nome in-dica, é aquelle que é metade terra e metade mar.

— O' senhor mestre, o que faz Deus ás luas velhas?

— Ora o que faz! faz... — respondeu o pro-fessor ficando logo embuchado.

— Sim, senhor, o que faz? Pois se todos os mezes apparecem luas novas, é claro que as velhas hão de ter algum destino.

— Parte-as em bocadinhos e faz estrelas! — respondeu o pobre mestre-escola.

Que bellos discipulos sabiriam de tal mestre!

Morreu ha tempos em Lisboa o prior d'uma freguezia da provincia, homem de grandes vir-tudes, muito estimado pelos seus parochianos. Estes, sabendo da morte do seu bondoso pastor, quizeram manifestar a sua saudade e gratidão, e para isso mandaram erigir no cemiterio da aldeia um simples tumulo, com esta inscripção:
Aqui jaz o padre F... enterrado em Lisboa.

HORAS ENTRETIDAS

37 — CHARADA

O velho Sá de Miranda }
D'isto fez, no tempo antigo, } 2
Ha poucos que sem mim vivam }
Mas todos morrem commigo. }

De castellos em castellos,
Da lua ao pallido alvôr,
Este pobre vagabundo
Só pede esmolas de amor.

Porto

Zé FERINHO.

38 — CHARADA

Se fór esta opposição, — 1
Que da facecia faz parte, — 1
Lá no mar largo me apanha }
Quem tiver engenho e arte. } 2

O todo d'esta charada
Não o queiras, meu leitor;
Porque é sorte desgraçada,
Causa pena, causa dôr.

Vizeu

TRAVERSO C.

39 — PALAVRAS EM CRUZ

(AO DISTINCTO CHARADISTA BÉBÉ)

Tres AA, C, dois DD, E,
GHL, dois RR, tres II,
Em cruz, mas não de Santo André,
Um A commum: eis o que fiz.

Lisboa

HERMINIA.

40 — CHARADA NOVISSIMA

No chafariz, esta lente navega — 1 — 2

Vizeu

BÉBÉ.

41 — CHARADA NOVISSIMA

Este rio em Munich concede passagem — 2 — 1 — 1

Monchique

CUNHA & C.^a

42 — CHARADA NOVISSIMA

Que gosto em cardar uma nota em nome proprio — 1 — 1 — 1

Lisboa

HERMINIA.

43 — CHARADA TRIPLICE

Instrumento — peixe — elevação — 2

Vizeu

BÉBÉ.

44 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é a villa do Algarve que termina na Asia?

Monchique

CUNHA & C.^a45 — LEXICOLOGIA
(A CHICO & C.^a)

Eixo — va — acha — pera — ama — velha — ira —
ata — util — aio — pa — adegá — não — brigar — rio
— mar — unir — ilha — missão — aço — astro — Sado
— olha — cioso.

Accrescentar a cada uma d'estas palavras uma inicial, de modo que fiquem outras palavras, e com as iniciaes formar um proverbio conhecido.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

30, Cabro — Cobra — Broca — Barco. — 31, Hylario. — 32, Maçaroca. — 33, Tito Livio. — 34, Batatada. — 35, Sovela.

30,

BARATO
AMARO
RATO
ARO
TO
O